

ESTADO DE GOIÁS
POLÍCIA MILITAR
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
DIVISÃO DE ENSINO

Violência Policial no Atendimento de
Ocorrências Causas e Consequências :
Como Evitá - las

Oficial Aluno : Anderson Leal A. Marinho

MONOGRAFIA CAO - 92

Goiânia - Go 1992



ANDERSON LEAL ALVES MARINHO

VIOLÊNCIA POLICIAL NO ATENDIMENTO DE OCORRÊNCIAS
CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS: COMO EVITÁ-LAS

Esta monografia foi elaborada como pré-requisito para a complementação do currículo do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais da Polícia Militar de Goiás, sob orientação do Dr. Norton Godinho Leão, ano de 1992.

GOIÂNIA - 1992

PENSAMENTO

Quando vos advenha uma causa de sofrimento ou de contrariedade, sobreponde-vos a ela, e, quando houverdes conseguido dominar os ímpetos da impaciência, da cólera, ou do desespero, dizei, de vós para convosco, cheio de justa satisfação: "Fui o mais forte".

LACORDAIRE

Í N D I C E

SUMÁRIO	08
INTRODUÇÃO	09
DESENVOLVIMENTO	11
A - CONCEITOS DE VIOLÊNCIA	11
1) - SEGUNDO AURÉLIO	11
2) - SEGUNDO LAUDELINO	11
3) - SEGUNDO A ADESG	11
4) - SEGUNDO JORGE	12
B - O SURGIMENTO DA VIOLÊNCIA	12
C - CONFIGURAÇÃO DA VIOLÊNCIA SOCIAL	13
D - FATORES DETERMINANTES DA VIOLÊNCIA SOCIAL	14
E - A VIOLÊNCIA NAS AÇÕES POLICIAIS MILITARES	15
F - CONFIGURAÇÃO DA VIOLÊNCIA POLICIAL	15
G - CAUSAS DA VIOLÊNCIA POLICIAL	18

1) - INFLUÊNCIA DE FATORES GEO-CULTURAIS	18
1.1 - CULTURAL LOCAL	18
1.2 - FALTA DE CULTURA HUMANÍSTICA	19
2) - INFLUÊNCIA DE FATORES SÓCIO-ECONÔMICOS	20
2.1 - IMAGEM TRADICIONAL DE POLÍCIA DESVIR <u>TUADA</u> DE SEUS PROPÓSITOS	20
2.2 - DEFICIÊNCIA DA MÃO-DE-OBRA RECRUTADA	21
2.3 - A VIOLÊNCIA URBANA	22
2.4 - FALTA DE AJUSTAMENTO FAMILIAR	22
2.5 - CONDIÇÕES DE LAZER	23
2.6 - BAIXOS VENCIMENTOS	24
2.7 - ALIMENTAÇÃO	25
2.8 - MORADIA	26
2.9 - USO DE ENTORPECENTES	26
3) - INFLUÊNCIA DE FATORES PSICO-SOCIAIS	27
3.1 - PRESSÃO DO GRUPO	27
3.2 - INFLUÊNCIA DA IMPRENSA	28
3.3 - INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO	29
3.4 - PRESSÃO DA SOCIEDADE	29
4) - INFLUÊNCIA DE FATORES ORGANIZACIONAIS	31
4.1 - FORMAÇÃO PROFISSIONAL	31
4.1.1 - REDUZIDO UNIVERSO DE ESCOLHA	32
4.1.2 - SELEÇÃO DEFICIENTE	32
4.1.3 - INVESTIGAÇÃO SOCIAL DEFICIENTE	33

4.1.4 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE	34
4.1.5 - FORMAÇÃO PROFISSIONAL DEFICIENTE	34
4.2 - CORPORATIVISMO	35
4.3 - JUSTIÇA E DISCIPLINA	37
4.4 - CARÊNCIA E/OU DEFICIÊNCIA DE MEIOS	39
4.5 - JORNADA DE TRABALHO EXCESSIVA	40
4.6 - FALTA DE ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DO POLICIAL MILITAR	41
4.7 - INSATISFAÇÃO PARA COM A INSTITUIÇÃO	42
4.8 - DEFICIÊNCIA E/OU FALTA DE ORIENTAÇÃO PARA O SERVIÇO OPERACIONAL	42
4.9 - FALTA DE CONSCIENTIZAÇÃO PROFISSIONAL	43
4.10- ESTRUTURA DO SISTEMA POLICIAL	44
5) - INFLUÊNCIA DO FATOR BIOLÓGICO	44
6) - INFLUÊNCIA DA REPRESSÃO POLÍTICA	45
7) - O FATOR RELIGIOSO	46
8) - CAUSAS PSICOLÓGICAS	47
8.1 - A INSEGURANÇA	47
8.2 - SENTIMENTO DE INFERIORIDADE	48
8.3 - IMPULSOS SEXUAIS REPRIMIDOS	49
8.4 - INSATISFAÇÃO SEXUAL	51

Estado de Goiás
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
BIBLIOTECA

CONCLUSÃO

52

BIBLIOGRAFIA

54

SUMÁRIO

Esta monografia foi dividida em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão, e aborda as causas e consequências da violência policial quando do atendimento de ocorrências.

Na introdução, abordamos a necessidade do estudo das causas da violência policial militar e da adoção de medidas para evitá-la.

No desenvolvimento, enumeramos alguns conceitos sobre a violência, enfatizando a arbitrariedade e o desafio à lei e ao direito.

Discorrendo sobre o assunto, ^{nos} reportamos à antiguidade para levantar as origens da violência e voltamos aos tempos modernos onde, após configurarmos a violência social, analisamos as causas da violência policial. *(repetição de termos)*

Na conclusão, apontamos as soluções e sugerimos algumas medidas que podem auxiliar em muito no aprimoramento de nossa Instituição.

INTRODUÇÃO

A instituição Polícia Militar tem sofrido ataques de várias frentes, as quais usam como principais argumentos a crescente criminalidade e a onda de violência que assola o País. Dentro desse contexto, as Polícias Militares, inclusive, passaram pelo perigo de ficar ^{pm} aquarteladas para emprego eventual como força de choque, ^{esta} situação que, apesar dos pesares, não reflete de modo algum a vontade da sociedade que, se não está de todo satisfeita com o desempenho operacional e acuse os policiais militares de serem truculentos, reconhece que não pode passar sem a sua presença nas ruas.

A Polícia Militar, como integrante da sociedade, é sensível aos seus reclamos e está preocupada em mudar esse estado de coisas. Sabemos que a violência urbana tem suas causas, principalmente, na falência do Estado, ocasionando desemprego, falta de saneamento, proliferação de favelas, etc., e que, como já é do conhecimento de todos, violência gera violência. A Polícia Militar não pretende combater fogo com fogo, pois isto seria um círculo vicioso onde teríamos a violência urbana sendo combatida pela violência policial, a qual geraria mais violência urbana e

que seria enfrentada por ações policiais mais violentas e a Coi-
sa não teria fim. Realmente, a solução para o problema não é por
esse caminho.

Para que o policial militar seja respeitado e não temi-
do, necessário se faz que as causas da violência policial sejam
estudadas em profundidade e que, o mais importante, sejam toma-
das as medidas saneadoras sob pena, se não o fizermos, de chegar-
mos à situação que já existe em várias favelas e bairros pobres
onde a Polícia é tão ou mais temida que os próprios bandidos. Pa-
ra que tal não aconteça, estamos dando a nossa contribuição atra-
vés deste trabalho, onde enumeramos as causas da violência poli-
cial, que é desencadeada por ocasião do atendimento de ocorrên-
cias, sugerimos as soluções possíveis e endereçamos àqueles que
→ têm por responsabilidade dirigir tão importante instituição e
àqueles que, em um nível mais elevado, têm o compromisso de pro-
porcionar as condições básicas para o desenvolvimento social e
bem-estar da sociedade como um todo.

DESENVOLVIMENTO

A - CONCEITOS DE VIOLÊNCIA

1) - Segundo Aurélio (1977)

A Violência. ⁶ Sf. 1. Qualidade de violento. 2. Ato violento. 3. Ato de violentar. 4. Jur. Constrangimento físico ou moral; uso de força. Coação.

2) - Segundo Laudelino (1976)

Violência. Estado daquilo que é violento, a violên-
cia dos ventos, das paixões. Ato violento. Ato de violentar. For
ça de que se faz uso contra o direito, contra a lei (grifo nos -
so). Empregar a violência. Jur. Constrangimento exercido sobre
uma pessoa para obrigar a fazer ou deixar de fazer um ato qual -
quer. Coação.

3) - De acordo com a ADESG (1981)

Violência: "Tomada única e exclusivamente sob a forma de conceito puro, a violência é o sumo grau de energia no qual a força opera com grande impulso; coação". "Utilização ilegítima e ilegal da força". "Uso da força contra a regra, a lei, o direito". "Utilização voluntária da força para agredir uma pessoa ou propriedade de terceiros, desafiando a lei e o direito".

4) - De acordo com Jorge (1980)

Violência: "Vem sempre implícita a destrutividade e a falta de respeito pelo ser agredido; enseja o constrangimento de outrem, o uso da força e da coação; é frequentemente, resultante da impulsividade irrefletida, acarretando a humilhação do ser humano, e, conseqüentemente, a degradação da humanidade".

O significado de violência, enquanto conceito puro, não expressa o entendimento mais comum do vocábulo. Hoje é entendido como a manifestação e o emprego da força de modo arbitrário, ao arrepio da lei e do direito, ofendendo a dignidade humana e repudiada pela sociedade em todas as suas formas.

B - O SURGIMENTO DA VIOLÊNCIA

Na visão ^{manuscrita} Cristã, o ^{manuscrita} primeiro ato de violência praticado sobre a face da terra teria sido perpetrado por Caim ao matar seu próprio irmão, Abel, motivado pela inveja. Para os que não comungam desta crença, podemos situar o surgimento da violência confundindo-se com o aparecimento da espécie humana, em sua constante luta pela sobrevivência em um mundo em que a lei do mais forte era a única lei e a liderança pertencia ao que melhor empregasse a sua própria força, subjugando os demais membros da

comunidade.

Dando um salto na escala evolutiva, verificamos que o homem, apesar de seu constante processo de desenvolvimento e civilização, permanecia com certos hábitos, especialmente o gosto pela violência, pela caça e pela luta, gosto que levou-o a combater seus semelhantes pelos mais variados motivos: terras, honra, crença religiosa, poder, etc. Quando não os combatia diretamente, divertia-se com as lutas em arenas, mais tarde transformadas em ringues e perdurando até os dias atuais com o status de esporte.

Hodiernamente podemos dizer que já temos a força ao lado da lei e do direito, muito embora ainda observemos casos de inversão, ou seja, a lei e o direito ao lado da força, mas sempre como exceção e nunca como regra; muito embora ainda não possamos dizer que vivemos em uma sociedade pacífica.

C - CONFIGURAÇÃO DA VIOLÊNCIA SOCIAL

Diariamente assistimos, através do noticiário nacional, notícias sobre a crescente escalada da violência, em especial nos grandes centros urbanos, onde não se está seguro nem mesmo dentro da própria casa, antes comparada a um castelo, haja vista o triste episódio que vitimou o ator Olney Cazarré, morto em seu próprio leito enquanto dormia, por uma bala perdida que entrara pela janela de seu apartamento.

As manifestações se sucedem em todos os pontos do país. Assistimos a tudo e ficamos assustados com a realidade: presídios superlotados, delegacias transformadas em presídios onde seres humanos também se amontoam, menores de rua e na rua, misé-

Estado de Goiás
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
BIBLIOTECA

ria extrema, prostituição, estupros... e a população a clamar pela polícia (e algumas vezes contra a polícia).

Segurança tornou-se prioridade, à frente, em alguns Estados, de itens como saúde e educação. Em São Paulo o governador Fleury consolidou sua popularidade com o policiamento padrão; no Rio de Janeiro o governador Brizola vê decrescer a sua em virtude do aumento da violência, em especial na Baixada Fluminense, citada como capital do crime.

As pessoas que possuem melhores recursos financeiros investem em segurança contratando vigias, instalando alarmes, segurando seus bens, mas mesmo assim vivem em constante tensão, com medo de uma forma hedionda de violência: o seqüestro.

D - FATORES DETERMINANTES DA VIOLÊNCIA SOCIAL

A violência, seja urbana ou rural, foi e ainda é objeto de estudo de especialistas e estudiosos das mais diversas áreas, como antropólogos, sociólogos, psicólogos, juizes, delegados, políticos, etc., os quais, em maior ou menor grau, ajudaram a lançar um pouco de luz sobre este inquietante problema. Naturalmente que suas opiniões não são coincidentes e, em alguns casos, são até mesmo frontalmente divergentes, porém, podemos agrupar os principais fatores determinantes da violência social na ausência ou falência do Estado. Falta de amparo ao menor, falta de uma política séria de segurança pública (entendendo-se como tal o conjunto de medidas destinadas a garantir a saúde, a vida e o patrimônio), desemprego, precárias condições de moradia, entre outros fatores.

Não nos alongaremos na análise dos fatores motivadores

da violência social porque este não é o objetivo deste trabalho, visto que aprofundaremos o estudo de um dos seus componentes: a violência policial.

E - A VIOLÊNCIA NAS AÇÕES POLICIAIS MILITARES

Segundo o Cel. PM Klinger, o termo violência é entendido como:

"... o ato de força, a impetuosidade, o acontecimento, a brutalidade, a veemência. Embora, em princípio, a violência importe num ato de força, num ato brutal, tomando, pois, a forma física, tanto pode ser material, como pode ser moral.

1) Violência material: resulta da agressão física, do atentado físico, ou do emprego de força necessária à submissão da pessoa. Pode ser também contra a coisa.

2) Violência moral: caracterizada pela ameaça ou intimidação de quem detenha força ou poder, destruindo a estrutura psíquica da pessoa, gerando medo, humilhação, receio." (1)

F - CONFIGURAÇÃO DA VIOLÊNCIA POLICIAL

Embora a imprensa ^{AVISO SE} utilize indiscriminadamente o termo

(1) Klinger apud Pedro Seixas da Silva, a violência policial militar no contexto da violência urbana, O Alferes, nº 12, pág. 79.

violência para descrever o uso da força, cabe ressaltar que o seu emprego legal não chega a constituir abuso, muito embora, às vezes chegue a ser constrangedora para os que assistem, especialmente aqueles que, em suas poltronas e à frente do aparelho de televisão, não puderam acompanhar o desenrolar dos fatos. Porém, o que causa repulsa geral é o emprego abusivo, indiscriminado, fora dos casos que a lei permite, constituindo Abuso de Autoridade.

A sociedade como um todo insurge-se contra o uso arbitrário e o excesso de violência. Quando isto acontece, a força já deixou de ser instrumento da justiça, da lei, para tornar-se forma de opressão, liberação de instintos animais com os quais a Instituição não pode compactuar e nem mesmo aceitar. Não queremos dizer aqui que o policial encarregado da manutenção da lei e da ordem pública, deva permitir que a sua autoridade seja jogada por terra, que a sua "voz de prisão" seja descumprida ou que, sendo agredido, ofereça a outra face. Não, isto certamente seria o caos do sistema. O que aqui defendemos, como integrantes do sistema de segurança pública, é que a força seja empregada como o talonário de multas, as algemas, a lanterna, ou seja, como mais um dos meios de que dispõe o policial para executar seu trabalho e, tão logo cesse a necessidade, também cesse o seu emprego, o qual deve ser feito da forma mais impessoal possível ou, dizendo de outra forma, de maneira profissional, pois caso isto não ocorra, estaremos nos igualando àqueles contra quem devemos proteger a sociedade e cumprindo mal a função, pois seremos temidos por esta mesma sociedade.

Citamos, a respeito, Macedo Soares:

"... casos há, porém, onde se justifica perfeitamente o emprego da força, o acusado recusa obede-

cer à ordem legal. Sem o emprego da força para coagir-lo à obediência, a lei e a justiça ficariam desarmadas. O acusado agride o executor da ordem. Ora o agente da autoridade não há de se oferecer como vítima resignada e submissa aos golpes do agressor. O instinto natural da conservação leva-o a defender-se. Ademais, ele personifica a lei, representa a autoridade que a encarna, não pode permitir que seja ela assim desrespeitada pelo criminoso audaz e insolente. Estas considerações ainda aumentam de valor quando o agente da autoridade é militar que deve fazer respeitar a farda que veste, símbolo da grandeza e da glória de sua pátria, que não pode fugir, pois é a covardia o mais infamante dos defeitos que o militar pode ter." (2)

Acrescentamos que também se aplica o infame adjetivo de covarde àqueles que agridem os que não têm chance de defesa.

Citamos, ainda, o Cap. PM Pedro Seixas da Silva que, em nossa opinião, chegou ao âmago da questão:

Ambas, violência policial e violência dos delinquentes, são causas perniciosas de uma sociedade pertencente a todos nós. Devem ser combatidas nas suas origens (grifo nosso) e não repudiadas simultaneamente, com alegações recíprocas de causalidade entre elas. (3)

(2) Gilberto Passos de Freitas et Vladimir Passos de Freitas, Abuso de Autoridade, pág. 45.

(3) Pedro Seixas da Silva, A violência policial no contexto da violência urbana. O Alferes, vol. 12, pág. 80.

G - CAUSAS DA VIOLÊNCIA POLICIAL

A violência é sempre a exteriorização de algo que age no interior do indivíduo. É como a febre a denunciar que o organismo está sendo atacado e está reagindo.

A violência não brota, não surge do nada e embora muitas vezes nos pareça imotivada, é porque não temos o necessário conhecimento deste vastíssimo universo que o cérebro humano abraça.

A seguir enumeramos os fatores que julgamos serem capazes de desencadear um comportamento agressivo e/ou violento nos policiais, notadamente os militares, com os quais temos uma vivência maior da realidade do assunto abordado.

1) - INFLUÊNCIA DE FATORES GEO-CULTURAIS

1.1 - CULTURA LOCAL

Diz-se do nordestino, principalmente o interiorano, que não costuma levar desaforo para casa, do gaúcho, que não é mais tosco por falta de espaço, e do carioca que é malandro.

Pode-se contestar o fato de que o fator geográfico, tenha alguma influência sobre o caráter de uma pessoa, mas é inegável que o fator cultural é predominante, pois o homem é produto do meio, salvo as exceções que confirmam a regra.

As polícias têm em seus contingentes representantes de quase todas as partes do Brasil que, via de regra, deixaram seus Estados após terem absorvido a cultura.

No caso dos nordestinos, geralmente o elemento que deixa sua terra natal é justamente o interiorano que sai em busca de melhores oportunidades e, chegando aos Estados que funcionam como pólos de atração, não raras vezes, procura incorporar-se à Polícia Militar. Aprende a ser policial mas não acultura-se de pronto e, como resultado, tem-se um indivíduo inadaptado, vítima de um choque cultural.

Vale a pena ressaltar que não estamos contra - indicando o ingresso de nordestinos ou de qualquer outro nacional em qualquer Corporação, apenas salientamos a importância de um fator geo-cultural, cabendo às Corporações a decisão através da análise deste e dos demais fatores que estamos expondo e dos mecanismos de controle que forem desenvolvidos e/ou utilizados.

NÃO 1.2 - FALTA DE CULTURA HUMANÍSTICA

Uma das reclamações mais frequentes dos policiais é de que a nova Constituição veio dificultar seu trabalho.

Nilo Batista, a propósito da inviolabilidade de domicílio, nos diz o seguinte:

O que mudou? Nos bairros ricos nada mudou. Lá a casa sempre foi o asilo inviolável do indivíduo, lá a polícia jamais foi entrando, pé na porta, em todos os apartamentos de um prédio até descobrir alguma coisa ou alguém. Lá, para uma busca domiciliar existe sempre uma investigação anterior que forneça um volume aceitável de indícios para autorizá-la.

E nas favelas, e nos conjuntos habitacionais mais pobres? O trabalhador e sua família estiveram sempre expostos a uma visita sem anúncio, a ver sua casa toda revirada, objetos quebrados, e nem ao menos um pedido de desculpas.

Não, não é o trabalho policial que ficou mais difícil com a nova Constituição. Difícil mesmo para algumas pessoas é tratar da mesma forma o apartamento de luxo e o barraco, é considerar que ambos são, igualmente, o asilo inviolável do indivíduo. (4)

✓ Poderíamos acrescentar que falta justamente ao policial a visão de que ele está investido de uma nobre missão, quase um sacerdócio, e que deve executá-la sem ódio, rancor ou paixão; que o infrator da lei pode ser encarado como inimigo da sociedade mas não é seu inimigo; que a dignidade humana merece, antes de tudo, respeito. ✓

2) - INFLUÊNCIA DE FATORES SÓCIO-ECONÔMICOS

2.1 - IMAGEM TRADICIONAL DE POLÍCIA DESVIRTUADA DE SEUS PROPÓSITOS

Como diz um velho ditado popular " a primeira impressão é a que fica" e, infelizmente, aplicou-se em cheio à

(4) Nilo Batista, Punidos e mal pagos, pág. 115.

nossa Instituição.

Sendo utilizada, nos primórdios de sua existência, como instrumento de força de governantes, composta por elementos sem qualquer qualificação, recrutados apenas pelo porte físico, impôs-se pela violência e arbitrariedade.

As guardas territoriais, em função da dificuldade de impor-se como polícia, pelo despreparo, por trabalharem com carteira assinada e em locais onde o juiz ou o promotor só apareciam uma vez por mês, têm histórias de arrepiar os cabelos; algumas contadas com orgulho pelos próprios protagonistas que, jactando-se de seus atos violentos e arbitrários, dizem que aquilo é que era polícia, causando inveja aos neófitos.

Polícia e violência acabaram quase virando sinônimo em virtude desta triste imagem, incorporando-se ao inconsciente coletivo com a ajuda, inclusive, de nossas dedicadas mães que nos atemorizavam com a ameaça: "vou chamar a polícia pra te pegar". Como resultado, temos que o jovem que é incorporado, fica louco para colocar uma farda e poder sair dando tapas. Naturalmente a formação irá mudar esta concepção mas, como diz um velho ditado popular, "pau que nasce torto..."

2.2 - DEFICIÊNCIA DA MÃO-DE-OBRA RECRUTADA

Por ser uma profissão estigmatizada e em razão da baixa remuneração, o contingente que apresenta-se para a nobre função de mantenedor da lei e da ordem é, em sua grande maioria, formado pelos deserdados da sorte, aqueles que fracassaram em outras profissões ou que sucumbiram ao medo da instabilidade do mercado de trabalho, elementos de baixa instrução, provenien-

tes dos centros urbanos ou da zona rural. São elementos que trazem uma cultura própria; que não raras vezes conviveram com a violência desde a mais tenra idade e a incorporaram, sendo o curto período de formação insuficiente para mudá-los; quando muito lhes dá um "verniz" que pode ser arranhado com facilidade, expondo aquele homem ainda rude e bronco.

2.3 - A VIOLÊNCIA URBANA

O policial militar, via de regra, desenvolve suas atividades circundado por um meio violento e que cultua a violência. No seu dia a dia vivencia ou toma conhecimento de situação em que policiais foram mortos ou feridos ao efetivarem prisões. Aliado a isto, o policial também ressenete-se dos problemas pelos quais passa a Polícia Judiciária e até mesmo o Poder Judiciário para a aplicação da lei de forma justa e eficaz, gerando um descrédito geral dessas instituições e, conseqüentemente, do próprio elemento que efetua a prisão pois, não raras vezes, vê o elemento que o ofendeu e desacatou e que fora por ele preso, sair da delegacia antes mesmo que o policial tenha tempo de entrar na viatura.

Todos estes fatores afetam a personalidade do homem, deixando-o propenso a assumir a função de "justiceiro", como nos declarou um policial militar da seguinte maneira: "O cara até pode sair da delegacia antes que eu, mas leva a marca dos meus cinco dedos na cara".

2.4 - FALTA DE AJUSTAMENTO FAMILIAR

É fato incontestável que o ajustamento fami -

liar interfere de forma bastante significativa no comportamento dos indivíduos, especialmente no trato com outras pessoas. /

Em quantas oportunidades a televisão e o cinema já não nos mostraram aquele personagem apaixonado que, passando por maus pedaços, achava tudo maravilhoso? Um tempo chuvoso certamente lhe pareceria lindo. E o lado oposto também é muito explorado. Pessoas amargas, agressivas, pessimistas, são mostradas como o outro lado da moeda.

No meio policial militar, especialmente entre os soldados, são comuns as brigas entre cônjuges, inclusive com agressões físicas, motivadas pelas causas mais diversas, indo o policial para o serviço com "o estopim curto", bastando muito pouco para que ele exteriorize toda a sua agressividade.

Tivemos oportunidade de conviver com um soldado que, especialmente às segundas-feiras, já chegava ao quartel discutindo com o pessoal de serviço, discutia no alojamento com os companheiros e, ao final do turno, sempre era relatado algum problema. Esse policial, já no mau comportamento e à beira da exclusão, separou-se da esposa, mudou de cidade e transformou-se radicalmente, estando hoje no bom comportamento e, se não pode ser citado como exemplo, é considerado um bom policial.

2.5 - CONDIÇÕES DE LAZER

Em se tratando da nossa atividade-fim é inadmissível a imagem do homem-máquina que trabalha sem descanso, dentro de uma mesma rotina por anos a fio.

A realidade atual da grande maioria das Poíí -

cias Militares, principalmente em relação aos cabos e soldados , é de quase total falta de lazer, pois o tempo livre é utilizado na execução de outra atividade econômica como forma de sobrevivência.

As Corporações, via de regra, pouco oferecem em termos de condições de lazer, pois mesmo nos clubes não há uma preocupação em desenvolver atividades que favoreçam a descarga das tensões acumuladas na faina diária, como já acontece em várias empresas que reconhecem o valor e o gasto necessário para formar o seu quadro de pessoal e, principalmente, para que produza satisfatoriamente.

« Também é importante lembrar que o homem que não foge da rotina, além de sofrer uma diminuição no seu potencial de trabalho, apresenta sintomas orgânicos como dores de cabeça, insônia e, principalmente, irritabilidade. Dispensamos maiores comentários, apenas lembrando que um elemento com os nervos "à flor da pele" e armado pode muito bem ser comparado a uma bomba. Basta um pequeno choque para que exploda e, dependendo do local, as conseqüências podem ser bastante sérias.

* e 2.6 - BAIXOS VENCIMENTOS

Podemos colocar este fator como um dos principais, pois é a partir dele que a quase totalidade dos outros fatores é gerada.

Dentro da nossa sociedade capitalista onde o consumismo é incentivado e cada um vale pelo que possui, a falta de recursos é um fator gerador de tensão e frustração, tendo uma importância às vezes capital na vida das pessoas. O Policial Mi-

litar, a despeito de ser um profissional especializado, de arriscar sua vida e de suportar uma carga exaustiva de trabalho, é ^{mal} mau remunerado e, em determinados períodos, mal chega a perceber o necessário para a própria sobrevivência.

É fato sabido que qualquer profissional que receba uma remuneração abaixo de suas necessidades básicas, produzirá abaixo de seu potencial. Para aumentar a renda, irá procurar ocupações secundárias, não dará o devido valor à sua atividade principal e, não raras vezes, desenvolverá uma aversão a essa mesma atividade, algumas vezes a nível inconsciente, fazendo com que o produto de seu trabalho seja de qualidade inferior ou causando uma deterioração precoce dos meios de produção. Trazendo isto para a nossa realidade, teremos que o nosso produto (segurança) não será o que a sociedade deseja e os meios (viaturas, rádios, etc.) sofrerão um desgaste prematuro. É a "vingança" do homem pelo fato de estar dirigindo um veículo novo e não poder nem sonhar em possuir um carro velho, por estar protegendo o patrimônio de outras pessoas quando em sua casa falta a geladeira e a televisão.

2.7 - ALIMENTAÇÃO

Disse Napoleão: "Um exército marcha sobre seus estômagos".

Na atualidade, vemos que as empresas, de maneira geral, têm ^{se} preocupado ~~se~~ em oferecer refeições de boa qualidade aos seus funcionários, inclusive celebrando convênios com outras empresas especializadas no ramo. As Polícias Militares, em sua grande maioria, seguem um sistema ultrapassado e retrógrado para alimentar seus integrantes. Este sistema, herdado do Exército

Estado de Goiás
ACADEMIA DE CIÊNCIAS MILITARES
BIBLIOTECA

to Brasileiro, não leva em consideração o que Napoleão já sabia e as demais empresas, na atualidade, aplicam com sucesso. É preciso não esquecer que não basta alimentar bem o profissional; é também necessário que sua família esteja na mesma situação, sob pena de criarmos outro foco de tensão.

2.8 - MORADIA

O policial militar é recrutado dentro do segmento social de mais baixo poder aquisitivo e não raras vezes é obrigado a morar na mesma rua ou ser vizinho daqueles que vivem à margem da sociedade ou tangenciando o limite da marginalidade (nos dois sentidos).

Como já discorremos, quando abordamos a questão do recrutamento da mão-de-obra, a lei do mais forte impera nessas condições, levando o policial militar a desenvolver um comportamento violento como forma de impor sua autoridade. Este fator também tira a tranquilidade do policial militar para a execução de seu trabalho pois enquanto está de serviço, sua família está exposta.

Tivemos oportunidade de, dentro de nossa vivência na Polícia Militar do Estado de Rondônia, verificar que as casas dos policiais militares são alvo de furto e que seus familiares sofrem ameaças e até mesmo agressões. A realidade em outras Corporações não é muito diferente, estando este fator diretamente ligado às questões de vencimento e recrutamento.

2.9 - USO DE ENTORPECENTES

Vimos que a espécie humana é agressiva por tendência e que controla essa agressividade para ajustar-se à convivência em sociedade.

• Dentre as substâncias entorpecentes temos o álcool, consumido sob as mais variadas formas e bem aceito socialmente, o qual libera as tendências reprimidas, expondo o nosso ser primitivo, sem as vestes da cultura, da educação.

O uso de bebidas alcoólicas é bastante comum no meio policial militar, sendo um fato rotineiro o policial militar entrar de serviço ainda sob os efeitos da bebida ingerida no dia anterior (meio de ressaca) ou, algumas vezes, ingerir bebida alcoólica antes ou durante o serviço. Nesses casos, embora não se possa dizer que o policial chegou ao ponto da embriaguêz, certamente o seu comportamento sofrerá alteração, da mesma forma que um motorista sofrerá, muito embora o negue, dizendo que está absolutamente normal.

Num caso extremo, temos os que se utilizam de drogas ilegais como maconha e cocaína deixando, nesse caso, sua personalidade muito mais exposta. Por estranho que possa parecer, este caso extremo não está tão distanciado da nossa realidade cotidiana existindo, em várias Corporações, um número significativo de policiais que fazem uso de drogas.

3) - INFLUÊNCIA DE FATORES PSICO-SOCIAIS

• 3.1 - PRESSÃO DO GRUPO

Todo indivíduo, ao fazer parte de um grupo, perde muito de sua individualidade, de seus valores pessoais e

passa a raciocinar como o grupo, numa espécie de mente coletiva. Tal fato é tão mais forte quanto maior for a identificação do indivíduo com o grupo.

Um indivíduo que não goste muito de futebol mas que resolva ir até um estádio, acompanhando um grupo de amigos, fanáticos torcedores, logo estará colocando em risco suas cordas vocais nas imprecações contra o juiz e nos apelos para que o "seu" time vença, num comportamento muito diferente do que teria se estivesse em sua casa assistindo o jogo pela televisão ou rodeado de fleugmáticos e circunspectos desconhecidos.

Nos casos de linchamento, pessoas calmas e pacatas tornam-se capazes de atos que elas próprias condenariam mas que, naquele momento, raciocinando com a mente do grupo, realizam sem qualquer hesitação, tal a identificação com o grupo.

No meio policial militar, desde a data de inclusão, já se começa a observar o fenômeno, o qual tende a aumentar com a vivência de experiências comuns no contato diário, na fase de formação profissional. Finda esta fase e entrando o policial militar no exercício da atividade-fim, o seu relacionamento com o público externo irá depender em muito do comportamento de seus companheiros de serviço, mais antigos. Infelizmente, a experiência nos tem demonstrado que é mais fácil e provável que o policial militar desenvolva um comportamento agressivo e/ou violento, em consonância com o meio circundante, sob pena de ser tido como frouxo e relegado ao ostracismo, pois os elementos violentos são tidos como bons de serviço pelos seus companheiros e até mesmo por superiores.

3.2 - INFLUÊNCIA DA IMPRENSA

A imprensa em geral costuma dar destaque a atos violentos e arbitrários cometidos por policiais, já sendo comuns as manchetes do tipo: "Polícia espanca", "PM mata", "Violência policial assusta", etc. Estas notícias tendem a sedimentar o conceito de que a polícia, em geral, é violenta e arbitrária. Este conceito é formado pelo público externo e atinge, também, os integrantes da Instituição, pois, atrai os elementos de índole violenta e, a nível subconsciente, estimula o comportamento violento ao incorporar este conceito.

3.3 - INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO

Filmes policiais têm boa aceitação pelo público. Assistimos vários policiais em ação no vídeo, transformados em heróis, dos mais diferentes tipos, usando os mais diferentes métodos para combater o crime. Alguns são cibernéticos como ROBO COP, outros peritos em artes marciais como MCQUADE, outros têm pontaria infalível como COBRA ou atiram primeiro para conversar depois como DIRTY HARRY, mas todos tem um ponto em comum: não acreditam no sistema e resolvem tudo com violência.

Em uma personalidade bem estruturada tais apelos à violência não encontrariam eco, porém, em elementos com pré-disposição, é o mesmo que aquecer pólvora.

3.4 - PRESSÃO DA SOCIEDADE

Vale a pena citar aqui o Cel. PM Edson Ribeiro dos Santos da PMRJ em trabalho publicado na revista da Escola Superior de Guerra:

"... sobre a polícia vem recaindo a grande pressão, a demanda exagerada, em parte responsável pelas idéias milagrosas, pelas "estratégias" amadoras produzidas de fora do sistema, pelo vedetismo de policiais inconseqüentes e, às vezes, pela violência dos policiais que querem enfrentar o crime sem as condições necessárias". (5)

Por oportuno, citamos também o criminólogo paulista João Milanez da Cunha Lima:

"A Polícia é um dos ramos da administração pública que mais recebe críticas. De um lado, é natural que isto aconteça, não só porque intervém em situações críticas, algumas vezes sintomáticas das graves rachaduras do edifício social, como pela amplitude de abrangência dessa atuação e dos variadíssimos interesses que ela envolve..." (6)

Sintetizando, poderíamos dizer que a Polícia é vista como a palmatória do mundo e o policial, em seu contato diário com a sociedade, muitas vezes é cobrado na solução de pro

(5) Edson R. dos Santos, As Polícias Militar e Civil contra a violência urbana e a criminalidade, particularmente o crime organizado. Missão Organização, Emprego e Eficácia, Revista da ESG, pág. 68.

(6) João Milanez da Culha Lima apud Edson Ribeiro dos Santos, Op. cit. pág. 68.

blemas que não lhe são afetos, levando-o a tomar decisões ao ar-repio da lei.

4) - INFLUÊNCIA DE FATORES ORGANIZACIONAIS

4.1 - FORMAÇÃO PROFISSIONAL

É um dos pontos mais discutidos e discutíveis quando o assunto é Polícia Militar. O Comandante Geral da Polícia Militar de Minas Gerais, Cel. PM Leonel Arcanjo Affonso assim se pronunciou a respeito:

"Ser soldado é exercitar uma profissão altamente qualificada. Para ser soldado existe uma criteriosa seleção e uma substancial e longa formação. O soldado tem que ler, estudar, praticar e internalizar as regras técnicas de sua profissão". (7)

Na Polícia Militar do Rio de Janeiro, o lema é "profissionais não se improvisam", escrito na entrada principal da Academia de Formação de Oficiais, indicando a importância da boa formação para o bom desempenho da atividade policial militar e distanciando o profissional qualificado de hoje daquele elemento "apanhado a laço" e posto a desempenhar uma função que desconhecia.

(7) Leonel A. Affonso apud Pedro Seixas da Silva, Op. cit. pág. 78.

Modernamente as Polícias dispõem de pessoal qualificado em seus quadros, mas continua a receber críticas à sua atuação e a mais comum é de que é despreparada para fornecer segurança pública, devendo-se isto a certos fatores que analisaremos a seguir, já bastante conhecidos de todos que vivem a realidade policial militar mas que, para serem solucionados, esbarram em obstáculos quase intransponíveis dentro da situação atual da grande maioria das Polícias Militares.

4.1.1 - Reduzido Universo de Escolha

Quando da realização dos concursos para ingresso na Polícia Militar a afluência, como já vimos, é de pessoas de baixa escolaridade, mal sucedidas em outras atividades e que buscam refúgio na Corporação como se esta fosse a nau dos deserdados da sorte. Tal situação termina por estigmatizar a profissão e constitui mais um fator de afastamento daqueles elementos melhor qualificados.

Vale aqui ressaltar que não se trata de falta de mão-de-obra pois ela existe e em boa quantidade e qualidade, mas é absorvida por outros órgãos que, valorizando o recurso mais importante dentro de qualquer empresa, pagam mais e obtém o melhor.

4.1.2 - Seleção deficiente

Dentro de um reduzido universo de escolha, não há muito o que selecionar, sob o risco de se acabar ficando sem ninguém. Mesmo baixando-se o nível de dificuldade nas provas e exames chega-se a uma situação difícil em que ou se

inclui um elemento sem os pré-requisitos mínimos, na esperança , às vezes vã, de que haja um bom desenvolvimento durante o curso, ou se enfrenta uma situação de falta de pessoal para atender as exigências cada vez maiores de segurança por parte da sociedade.

4.1.3 - Investigação social deficiente

Todos os anos as Corporações expurgam de seus quadros vários policiais acusados de tráfico, uso de entorpecentes, furto, roubo, receptação, atos violentos, etc. Poderíamos nos perguntar se uma instituição que tem por finalidade coibir estes delitos poderia "estimular" seus integrantes a praticá-los e a resposta seria óbvia. É claro que o toxicômano já entrou para a Polícia toxicômano e o ladrão, no mínimo, já andava com ladrões e pode até mesmo ter praticado pequenos furtos , embora não tenha sido apanhado e, conseqüentemente, não possua ficha criminal.

Reportando-nos à nossa experiência na Polícia Militar de Rondônia, podemos citar o caso de um elemento condenado e em gozo de SURSIS que, falsificando documentos, conseguiu ser matriculado no curso de formação de soldados; outro que integrava uma quadrilha que furtava toca-fitas e um outro que furtava motos; tudo isso em um único curso.

Tais fatos ilustram de maneira bem clara que a investigação social é feita de forma deficiente na maioria das Polícias Militares, permitindo que tenham acesso às Corporações elementos que já demonstraram comportamento social incompatível com a atividade profissional que irão desenvolver.

4.1.4 - Nível de escolaridade

Para termos um bom profissional que possa bem desempenhar suas missões, que assimile de forma satisfatória os ensinamentos ministrados durante o curso de formação e que, ao final deste, os aplique seguindo as diretrizes emanadas do comando, necessário se faz que trabalhem com elementos de nível de escolaridade compatível com estas exigências.

A quase totalidade das empresas que empregam elementos que devam ter contato com o público, exigem o 2º grau completo. A Polícia Civil também faz esta exigência para os que pretendam ingressar em seus quadros e a Polícia Militar não poderia ser ^{excessão} excessão. Vale lembrar que, após um curso de curta duração, entregaremos uma arma ao recém-formado policial militar e o colocaremos nas ruas, investido de autoridade e poder, com a missão de proteger a sociedade, de relacionar-se com ela, de ser cortês a maior parte do tempo, de ser enérgico quando necessário, de controlar-se para não ser arbitrário e de, muitas vezes, decidir sozinho sobre o que fazer.

Não queremos afirmar que a inteligência, a iniciativa, a sagacidade e a cultura geral, requisitos básicos para o policial, sejam dependentes do grau de escolaridade porém, são mais facilmente encontráveis dentre aqueles que ^{de} aprimoraram-se nos bancos escolares.

4.1.5 - Formação profissional deficiente

Já vimos que em razão da baixa escolaridade do efetivo matriculado nos cursos de formação de soldados PM, não se pode exigir muito, mesmo porque o tempo para a

Estado de Goiás
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
BIBLIOTECA

formação é exíguo e não raras vezes o ensino é interrompido para que os alunos cubram claros dentro da atividade operacional, chegando-se à situação dos Centros de Formação quase serem considerados reservas dos Batalhões.

Falta, na maioria das vezes, capacidade técnica dos instrutores e monitores, os quais empregam métodos de ensino inadequados ou, por deficiência de meios, limitam-se a longas exposições orais a uma classe sonolenta que muito pouco aproveitará deste esforço inútil.

O resultado disso tudo pode ser visto nos jornais de todo o País: "Polícia incompetente", "Polícia despreparada", "Polícia violenta e arbitrária", etc.

4.2 - CORPORATIVISMO

Não chegaremos a ponto de dizer que elementos violentos e arbitrários ficam impunes pois as estatísticas comprovam que os Comandos têm agido de forma correta, punindo com rigor os fatos comprovados.

Ocorre que há uma dissociação entre os oficiais que exercem o comando das organizações policiais militares e aqueles que são encarregados da apuração dos fatos, normalmente tenentes, que sentindo-se mais próximos dos que desenvolvem a atividade operacional, têm para com estes uma maior "compreensão" dos atos violentos, procurando, muitas vezes, durante a fase apuratória, encontrar elementos favoráveis ^{para} ao policial militar e que possam servir para justificar o ato e transferir parte da culpa à vítima. Desta forma, o elemento encarregado da apuração age como um advogado de defesa quando deveria ter um proceu

dimento semelhante ao de um promotor de justiça. Aqueles oficiais que fogem a esta regra são mal vistos, tidos como carrascos e acusados de não saber o que significa trabalhar nas ruas.

Para que um fato qualquer seja apurado é necessário que chegue ao conhecimento do escalão competente e isso acontece, mais comumente, por intermédio da imprensa e por denúncia dos próprios ofendidos.

A opinião geral é de que a Polícia Militar é violenta e quase todo cidadão tem um caso para contar em que ficou evidenciado um ato de violência policial, muito embora (sem quereremos agir como advogados de defesa) uma apuração criteriosa dificilmente confirmará em 100% a versão que está sendo veiculada pois (isso a experiência nos tem demonstrado), a verdade se encontra a meio caminho do que a vítima relata e o policial alega; mas apesar disso tudo não são muitas as reclamações que chegam ao conhecimento dos comandantes das Unidades, seja porque as vítimas têm medo de represálias; por não acreditarem que a Instituição irá tomar qualquer medida ou porque não conseguem ter acesso ao Comando para efetuar a denúncia.

No nível das praças o corporativismo é ainda mais forte e atuante, fazendo com que, muitas vezes, o denunciante seja desestimulado a prosseguir em seu intento logo no Corpo da Guarda, quando expõe o motivo de sua visita ao quartelamento.

Em nossa experiência na Polícia Militar de Rondônia, pudemos identificar casos de pessoas que sofreram agressões e foram impedidas, pela guarnição de serviço, de adentrarem ao quartel, ficando no Corpo da Guarda por horas, até desistirem ou ainda o caso de um outro soldado PM que anotava todos os da -

dos relativos à reclamação, transmitidos via telefone ao COPOM pelo próprio denunciante, prometia que providências sérias e enérgicas seriam tomadas; só que estes dados não chegavam ao conhecimento do oficial de serviço mas sim ao dos policiais militares envolvidos, os quais eram avisados da denúncia. Este último exemplo ocorreu na Polícia Militar de Goiás e nos foi transmitido confidencialmente pelo próprio protagonista, sob a garantia do anonimato.

Como pudemos verificar, esse tipo de procedimento é bastante eficiente no acobertamento, pois dá a impressão de que a própria Instituição protege os seus integrantes; como reverso da medalha, essa mesma impressão faz com que as pessoas procurem a imprensa ou a promotoria para fazer suas denúncias.

É interessante notar que mesmo entre os integrantes da 2ª Seção, os quais não acobertam as infrações de outros policiais e que, por isso mesmo, sofrem discriminação por parte do restante da Corporação; os casos de violência arbitrária são vistos com benevolência, não merecendo maiores preocupações e sendo investigados apenas aqueles que têm repercussão na imprensa.

4.3 - JUSTIÇA E DISCIPLINA

Não importa em que instituição militar, sempre encontraremos um significativo número de militares insatisfeitos com a distribuição de justiça e a aplicação das sanções disciplinares.

A vaidade é uma constante da personalidade humana, em maior ou menor grau, e sentem prazer em estar em evidên

cia; gostam de ver seu esforço reconhecido. Por esta razão atletas sacrificam-se em longos treinamentos diários, lutam contra a dor e o cansaço pelo prazer de subir a um pódium e ostentar uma medalha. Retire-se o público e a medalha e certamente os atletas serão reduzidos a um número insignificante.

Dentro das Organizações Policiais Militares , tradicionalmente cultuadoras do narcisismo (quem duvidar disso que faça uma análise dos uniformes militares) a distribuição de medalhas, diplomas e até mesmo elogios tem grande importância. Embora o trabalho das Polícias Militares seja anônimo, por ser de caráter basicamente preventivo, o policial militar que bem desempenha suas funções acaba esquecido se na sua área de atuação não ocorreu um fato que proporcione uma ação repressiva e quando o assunto é medalha, a situação piora um pouco pois os critérios para julgamento nem sempre têm por base o valor pessoal e profissional do policial militar.

Em relação à aplicação de punições disciplinares verifica-se que o descontentamento ainda é maior, pois quase todo policial militar tem um caso a relatar de punição em que não foi ouvido ou em que considera a punição injusta.

Toda punição tem, ou pelo menos deveria ter , por escopo a readaptação do infrator da disciplina, logo, não pode de modo algum causar revolta ou humilhar o homem, pois isso ficará guardado e marcado como nódoa em sua alma.

Pudemos observar, em nossa vivência policial militar, que o direito de defesa do infrator tem sido mal interpretado, resumindo-se, na maioria das vezes, a uma breve exposição oral feita pelo infrator, na posição de sentido, frente a um oficial que já prejulgou o fato e que acha que a punição rigoro

sa resolverá o problema e, não poucas vezes ignorando o princípio do IN DÚBIO PRO RÉU, consagrado no Direito, aplica a sanção baseado em convicções personalísticas.

4.4 - CARÊNCIA E/OU DEFICIÊNCIA DE MEIOS

Para bem cumprir sua missão o policial militar necessita de armamento, munição, fardamento, viatura, combustível, algemas, colete e vários outros itens que fazem parte do equipamento de uso rotineiro do policial militar. O que se verifica na prática é que esses meios logísticos, quando existem, são em quantidade insuficiente para que a atividade operacional seja desenvolvida a contento, causando um sentimento de frustração no profissional que ^{se}preocupa-se em prestar um bom serviço à coletividade combatendo a ocorrência de ilícitos penais.

A situação em quase todas as Corporações é de um número insuficiente de viaturas para atender a demanda, seja por inexistência de viaturas ou porque estão aguardando compra de peças para que seja efetuada a manutenção corretiva, sem mencionar o fato de que, muitas vezes, sofrem restrições quanto ao consumo de combustível.

Poderíamos também citar, a título de ilustração, um fato ocorrido na Polícia Militar de Goiás, quando uma viatura abordou um veículo suspeito e os policiais militares foram metralhados, salvando-se por verdadeiro milagre. Perde-se no tempo a lembrança da época em que os bandidos andavam apenas com revólveres; hoje é comum o uso de armas automáticas, sendo um fato notório que as Polícias Militares, em geral, estão menos armadas e equipadas do que aqueles aos ^{quais} têm que dar combate.

4.5 - JORNADA DE TRABALHO EXCESSIVA

É bastante conhecida no meio policial a frase: "quando todos estão se divertindo é que a polícia mais trabalha". Realmente é uma verdade incontestável pois para qualquer reunião, baile, gincana, festa religiosa ou qualquer outro evento semelhante, a preocupação de todos é saber se haverá segurança. As Corporações, via de regra, não dispõem de efetivo suficiente para atender esta demanda de forma satisfatória e a solução é "multiplicar" os homens, ou seja, reduzir as folgas para colocar mais policiais nas ruas. Esta solução, embora desumana, injusta, foi e ainda é adotada por vários comandantes de Unidades que, sem perceber que estão desgastando o recurso mais precioso de que dispõem; aproveitam-se do fato ^{de} do policial militar não receber hora extra para transformar o regime militar em regime de quase escravidão branca.

Escalas de 24X24 são verdadeiras aberrações que, inclusive, ferem frontalmente a Constituição Federal e não podem existir no seio de qualquer Organização Policial Militar que queira prestar um bom serviço à coletividade, pois o policial militar cansado não irá produzir de acordo com seu potencial de trabalho.

Esta questão apresenta uma relevância maior quando ^{se} verifica-se que os elementos empenhados no policiamento têm que tratar diretamente com o público, como é o caso da grande maioria dos policiais militares que executam o policiamento ostensivo a pé, tendo que primar pela urbanidade; o que é uma tarefa difícil para um profissional sobrecarregado de serviço.

4.6 - FALTA DE ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DO POLICIAL MILITAR

Boa parte das Organizações Policiais Militares não têm uma seção para análise e acompanhamento de policiais militares que, por ventura, desenvolvam comportamento fora dos padrões de normalidade, relegando a segundo plano a saúde mental de um indivíduo que sofre uma carga emocional grande. A experiência nos tem dado exemplos funestos, em todas as Corporações, de baixas de policiais militares e de pessoal civil em situações que evidenciavam um desequilíbrio mental, com repercussões extremamente negativas para o conceito da Polícia Militar como um todo. Entretanto, não basta a criação de uma seção de orientação psicológica para resolver o problema; é necessário que essa seção realmente funcione, que seja composta por profissionais experientes, capacitados e, principalmente, interessados em ajudar os elementos que lhes forem encaminhados, pesquisando as causas da mudança de comportamento e proporcionando o indispensável suporte psicológico.

Na atualidade o que se tem em todas as Corporações Policiais Militares, algumas em maior número que outras, são policiais militares que se constituíram em verdadeiras bombas-relógios, barris de pólvora ambulantes que podem explodir a qualquer momento e, embora a responsabilidade civil seja do Estado, é a Corporação quem mais sofrerá os efeitos, pelo desgaste de sua imagem, com a conseqüente exploração do fato pela imprensa e até mesmo com fins políticos como foi o caso de uma Deputada no Rio de Janeiro que ^{se}elegeu-se fazendo campanha contra a violência da Polícia Militar, após ter perdido um filho, vitimado por espancamento durante sua prisão.

4.7 - INSATISFAÇÃO PARA COM A INSTITUIÇÃO

Em todas as Corporações Policiais Militares existe um significativo número de seus integrantes que encontram-se insatisfeitos com as condições que lhes são oferecidas, seja em relação a vencimentos, condições de trabalho, relacionamento com superiores e muitas outras razões. Esta insatisfação exterioriza-se, basicamente, sob dois aspectos: o primeiro é o da negligência, do descaso e da falta de interesse pelo serviço, podendo comprometer seriamente o nível de operacionalidade de uma Corporação e o segundo é uma irritabilidade que pode levar o policial militar a ver o cidadão como um inimigo em potencial, pronto a desafiá-lo.

4.8 - DEFICIÊNCIA E/OU FALTA DE ORIENTAÇÃO PARA O SERVIÇO OPERACIONAL

Diz a sabedoria popular: "as palavras convencem e os exemplos arrastam".

Durante a execução do serviço seria impraticável que o comandante do policiamento ficasse a dar o exemplo a todos os seus comandados, mas é perfeitamente viável que procure convencê-los através do uso da palavra todas as vezes que iniciar-se uma jornada de serviço.

Naturalmente que aqui entram em cena os importantes fatores carisma e liderança para que tal preleção tenha sucesso, porém, mesmo que o comandante do policiamento não os possua no nível desejado, pode-se ainda recorrer à sabedoria popular para a solução do problema com outro ditado: "água mole em pedra dura tanto bate até que fura". O importante é que haja con

vicção no que for dito e que esta preleção alcance a todos os policiais militares no início de sua jornada de serviço.

4.9 - FALTA DE CONSCIENTIZAÇÃO PROFISSIONAL

É perfeitamente sabido por todos que a atividade de de segurança não comporta improvisões ou profissionais des - qualificados para o seu exercício; que a formação desse tipo de profissional é longa, trabalhosa e dispendiosa; que a atividade exige recursos humanos selecionados e que apenas uma pequena parcela dos que se apresentam realmente têm capacidade para exercer a profissão. Sabemos de tudo isso, porém, a política de pessoal da maioria das Corporações não tem passado este ponto de vista para o seu público interno e, em várias oportunidades, tem de - monstrado de maneira concreta que não valoriza o seu profissio - nal, pois dilapida seus recursos humanos com inadequadas políticas.

O policial militar, não sentindo-se valorizado pela sua Instituição, sofrendo ataques da imprensa e sentindo o repúdio daqueles a quem deve proporcionar segurança, não sente - se na obrigação de zelar pelo bom nome da Corporação, numa atitude de revide. Se a Corporação não lhe dá importância, ele também não se importa com ela.

Os índices de licenciamento a pedido comprovam que há uma elevada taxa de evasão das fileiras das Polícias Militares, criando uma situação de quase rotatividade do efetivo. Tal situação afeta a estabilidade das Corporações, pois seus integrantes não fixam metas a longo prazo e, algumas vezes, ficam na situação do elemento que arranja um "bico"; vai desempenhando sua função com pouco interesse até que apareça uma oportunidade

melhor. Na realidade o que se verifica na prática é que o policial militar não vê a si próprio como um profissional especializado e se perguntarmos, especialmente ao cabo ou soldado, se possui profissão, teremos como resposta uma profissão civil (pedreiro, professor, técnico de contabilidade, etc.) ou receberemos uma resposta negativa.

4.10 - ESTRUTURA DO SISTEMA POLICIAL

Em razão da divisão de competência das Polícias, não cabe ao policial militar realizar o ciclo completo de polícia, ou seja, prevenção, repressão, investigação e judiciária, cabendo-lhe apenas as duas primeiras partes, as quais se tornarão inócuas se não forem concluídas. Buscando a certeza de uma conclusão, por falta de confiança no sistema, o policial militar, consciente ou inconscientemente, pode recorrer ao uso da violência arbitrária como uma compensação ao que se vê tolhido de fazer.

5) - INFLUÊNCIA DO FATOR BIOLÓGICO

Nos primórdios da civilização, quando o homem lutava diariamente por sua sobrevivência, a agressividade era um componente fundamental da personalidade e um fator de sucesso no meio ambiente. A história da humanidade tem mostrado, de maneira inequívoca, que a nossa espécie tem uma propensão natural à beligerância, muito embora, com a evolução da sociedade e das normas de convivência social, os impulsos primitivos têm sido reprimidos a níveis aceitáveis, muito embora não tenham desaparecido.

Os homens, a despeito de sua educação, ainda xingam

o motorista que lhe dá uma "fechada", sentem vontade de estrangular o funcionário que por acaso atenda de má-vontade ou com falta de educação. Na verdade, aquele troglodita não está morto , mas apenas escondido em alguma caverna no mais recôndito de nosso ser e, em algumas ocasiões, aventura-se em excursões ao mundo exterior.

O policial militar, como todo ser humano normal , também sofre esta influência, o apelo daquele ser das cavernas , do "mister Hide", incitando-o a resolver os problemas da sua maneira, do modo como a natureza o dotou, inicialmente, de condições de sobreviver na luta diária.

Hodiernamente o nosso policial militar vê-se na situação de ter que dominar estes instintos primitivos ao lidar com os mais variados tipos de pessoa, cada uma com uma personalidade própria, com problemas pessoais, com preocupações que fazem com que o contato não seja dos mais polidos e, algumas vezes , até mesmo ocorra de uma forma inamistosa pelo conflito de interesses ou objetivos.

6) - INFLUÊNCIA DA REPRESSÃO POLÍTICA

Com a revolução de 1964 as forças policiais envolveram-se de forma acentuada na repressão aos opositores do regime militar que, reais ou imaginários, eram confundidos com os inimigos da democracia, encarnando o perigo do comunismo. Explica-se e até se justifica essa atuação das forças policiais em ligação estreita com as Forças Armadas, tendo em vista que os agentes da subversão, não raras vezes, utilizavam-se de ações criminosas para conseguir verbas a fim de financiar o movimento, praticando assaltos a bancos e joalherias, sequestros e furtos de armas ,

Estado de Goiás
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
BIBLIOTECA

atos que, de maneira concreta, exigiam a intervenção policial.

Dentro desse contexto político social, com uma censura forte sobre todos os meios de comunicação e com a restrição (podendo-se até mesmo dizer desrespeito) das garantias individuais, prendia-se e arrebatava-se sem se prestar contas a ninguém pois, verdadeiramente, o único poder era o militar. Tal situação ensejou o cometimento de abusos que, ao longo de vinte anos, enraizaram-se fundo nas forças policiais, sendo até defendidos como essenciais ao exercício da função policial, como a tortura para obtenção de confissões, o pé na porta substituindo o mandado de busca, a prisão e o encarceramento por simples suspeita e, principalmente, a violência física como forma de impor-se. Contestar a autoridade era coisa de louco e o simples fato de pedir explicações ou defender o direito próprio poderia ter como resposta alguns tapas.

Na atualidade, em que pese o fato do Poder Judiciário, Ministério Público, Imprensa e diversas entidades desenvolverem intensa campanha em prol dos direitos humanos e do cidadão com reflexos diretos no comportamento daqueles que têm a missão de manter a lei e a ordem, este fator pode explicar alguns desvios de conduta que, com o fim deste atual período de transição e a consolidação da democracia, tenderão ao desaparecimento.

7) - O FATOR RELIGIOSO

Observamos, nas comunidades interioranas, que existe um sentimento de religiosidade muito mais forte do que nas grandes cidades, assim como também se observa que o índice de violência no interior também é muito menor.

Não apontaremos a religiosidade como causa única deste comportamento mais humano, solidário, mas não temos dúvida em incluí-la como componente causal.

Desde tempos remotos os ensinamentos religiosos, salvo raras exceções, têm levado ao homem a idéia de perdão, de não-violência, de amor, de fraternidade, de uma convivência harmoniosa no seio da sociedade.

Infelizmente em uma sociedade em que os homens riem-se da honra e têm vergonha de dizer que são honestos, como já dizia Rui Barbosa, as pessoas que procuram seguir os ensinamentos religiosos são vistos como fracos e tolos, não servindo para exercer a função policial, razão pela qual chega a haver uma discriminação dos policiais que são seguidores de preceitos religiosos.

Não queremos, neste trabalho, chegar a extremos como nos foi objetado por um companheiro, oficial PM, quando da discussão deste assunto, o qual nos perguntou se ofereceríamos a outra face ao bandido quando este nos batesse. Naturalmente este comportamento é incompatível com o exercício da função policial e até mesmo da sobrevivência, para os policiais, constituindo-se em omissão, porém, o entendimento de que a violência é a exteriorização de uma doença e a complacência com determinados tipos de comportamento são bastante desejáveis no mantenedor da lei e da ordem.

8) - CAUSAS PSICOLÓGICAS

8.1 - A INSEGURANÇA

A melhor forma de vencer uma discussão, principalmente se não dispomos de muitos argumentos, é calar a boca do opositor. A sabedoria popular consagrou este adágio e uma boa parte dos policiais o segue à risca, pois tendo dúvidas quanto ao exercício de sua profissão ou apanhado em uma falha ou ainda por reconhecer-se sem condições de vencer uma discussão com argumentos lógicos, apela para a violência.

Esta insegurança também se manifesta no momento em que o policial militar aborda ou efetua uma prisão, podendo transformar-se em violência.

Entre os primatas, como no restante do reino animal, só haverá luta se cada um dos oponentes achar que pode sair vencedor pois, caso contrário, o que se julgar mais fraco assumirá uma posição de submissão ante o mais forte, encerrando a possível luta ou simplesmente fugirá. Entre os homens a coisa passa-se de maneira semelhante, com a diferença de que as armas têm o poder de estimular a coragem.

O policial japonês domina e literalmente amarra seu prisioneiro em apenas três minutos, reduzindo-o à completa imobilidade, mas para isso passa por um longo treinamento que lhe dá a capacidade para tal e, conseqüentemente, a segurança psicológica. O policial brasileiro recebe noções de defesa pessoal em um espaço de tempo bastante curto e comumente não volta a praticar depois de formado, confiando que poderá resolver todas as situações com o bastão ou o revólver, mesmo sabendo-se pouco capaz no manejo de ambos.

8.2 - SENTIMENTO DE INFERIORIDADE

Como já foi exposto, o policial militar, principalmente o soldado, pertence à camada social mais baixa, sofre a pecha de corrupto, é tido como ignorante e é discriminado pela sociedade, estabelecendo-se uma relação ambígua. A comunidade reconhece a necessidade da Polícia e até mesmo seu valor mas não quer um contato muito aproximado e o policial militar tendo consciência dessa situação, ressentido-se desse tratamento. Até mesmo sua graduação é fator de distanciamento social pelo estigma criado pelas Forças Armadas de que soldado não raciocina, etc.

O elemento que incorpora-se à Polícia Militar com esse sentimento de inferioridade irá procurar compensá-lo, na maior parte das vezes, de uma maneira positiva, vestindo-se com esmero, usando jóias, enfim, procurando mostrar que mudou de status. Poderá também ocorrer que o policial militar procure compensar este sentimento valendo-se de sua autoridade e poder para agredir. Por um mecanismo de projeção o policial militar que ^{se} considera inferior transfere esta visão aos outros e acha, então, que o estão desprezando, ironizando, desvalorizando a sua autoridade que precisa ser respeitada nem que tenha de ser à força.

8.3 - IMPULSOS SEXUAIS REPRIMIDOS

O impulso sexual recebe várias denominações mas, seja qual for a abordagem, sempre é enfocado como fonte criadora, força vital, energia.

A doutrina espírita nos dá a seguinte visão:

O instinto sexual, exprimindo amor

Estado de Goiás
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
BIBLIOTECA

em expansão incessante, nasce nas profundezas da vida, orientando os processos de evolução.

Toda criatura consciente traz consigo, devidamente estratificada, a herança incomensurável das experiências sexuais, vividas nos reinos inferiores da Natureza.

De existência em existência, de lição em lição e de passo em passo, por séculos de séculos, na esfera animal, a individualidade, erguida à razão, surpreende em si mesma todo um mundo de impulsos genésicos por educar e ajustar às leis superiores que governam a vida.

... é impelido naturalmente a carregar o fardo dos estímulos sexuais, muitas vezes destrambelhados, que lhe encameiam no sentimento, reclamando educação e sublimação. (8)

Este enfoque deixa bem claro que haverá uma luta entre o querer e o poder ou dever.

Freud, ao analisar a personalidade humana, também concluiu que o instinto sexual era a base do comportamento das pessoas e que a sua repressão equivalia a represar um rio

(8) Francisco Cândido Xavier, ditado pelo espírito Emmanuel, Vida e Sexo, pág. 102.

que, por menor que fosse, acabava formando um volume considerável com o passar do tempo e arrebentaria a represa, caso não houvesse uma vazão, uma comporta.

8.4 - INSATISFAÇÃO SEXUAL

Aqueles que trabalham em repartições, fábricas ou qualquer outro local em que convivam com outros elementos, especialmente homens, conhecem a brincadeira que se costuma fazer quando alguém chega de mau humor. Os colegas logo perguntam se a mulher dormiu de calça Lee, numa alusão clara de que aquele comportamento agressivo é decorrente da insatisfação do impulso sexual normal e saudável que todos possuem.

É fato bastante conhecido que os jogadores de futebol concentram-se alguns dias antes de um jogo importante, justamente para evitar que os atletas tenham relações sexuais e percam a agressividade que pode ser dirigida à disputa. Os lutadores de boxe utilizam amplamente este recurso, como foi declarado pelo lutador brasileiro MAGUILA, o qual afirmou ficar trinta dias sem ter relações sexuais com sua esposa, antes de qualquer luta. Nestes casos não se trata de repressão de algo imoral, proibido ou pecaminoso mas tão somente de não dar a vazão normal ao instinto sexual e nem de sublimá-lo; aproveitando-o em atividades que exijam agressividade e liberação de energia física.

A insatisfação sexual pode ocorrer não só pela não realização do ato sexual mas também pela falta de "qualidade", por não atender aos anseios pessoais do indivíduo. Esta situação ocorre com maior frequência entre as mulheres, sendo relatado um alto índice de relações sexuais insatisfatórias levando, inclusive, à desestruturação do lar.

CONCLUSÃO

Para que a violência policial militar, arbitrária e ilegal, seja eliminada do seio da Corporação necessário se faz atacar e eliminar suas causas, pois qualquer outra medida que seja tomada será inócua ou simples paliativo. Não será um trabalho fácil e nem será conseguido de uma hora para outra mas se o objetivo for perseguido com seriedade, certamente será atingido.

A proposta é simples e baseia-se na adoção de cinco medidas básicas:

a) Melhoria salarial, de forma que a profissão policial militar torne-se atrativa para aqueles integrantes da sociedade que hoje procuram atividades que melhor remuneram.

b) Melhor seleção, com ênfase nos testes psicológicos e na pesquisa social.

c) Reciclagem dos instrutores e monitores dos cursos de formação de soldados e alongamento do curso para dezoito meses, sendo os últimos seis meses destinados à prática, sob a

forma de estágio supervisionado.

d) Criação de serviços de orientação psicológica , nas sedes de Batalhões e Companhias Independentes, para acompanhamento e tratamento de policiais militares que apresentarem desvios de comportamento, além de desenvolvimento de atividades preventivas e de controle.

e) Atuação da Seção de Relações Públicas, junto ao público interno e externo, visando a mudança da imagem da Corporação.

Com a adoção destas medidas eliminaremos, dentre os trinta e sete fatores que influenciam no comportamento do policial militar, ~~trinta e um~~, o que significa ^{trinta e um} um percentual de 83,7%.

BIBLIOGRAFIA

- ADESG. Violência e Comunicação de Massa, 1991. *Cidade*,
Editora, qual?
- BATISTA, Nilo. Punidos e mal pagos, Rio de Janeiro, edi-
tora REVAN, *no?* pag. 115, 1990.
- FREITAS, Gilberto Passos de et Vladimir Passos de Frei-
tas. Abuso de autoridade, *4ª ed* São Paulo, 4ª ed., edito-
ra Revista dos Tribunais, *pág.* 45, 1991.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. Novo Dicionário da Língua
Portuguesa, *Cidade* editora Nova Fronteira, *pág.* 498, 1977.
- SANTOS, Edson Ribeiro dos. As Polícias Militar e Civil
contra a violência urbana e a criminalidade, parti-
cularmente o crime organizado. Missão, Organização
e Eficácia, Revista da ESG. *no?, qual?*
- SILVA, Pedro Seixas da. A violência policial no contex-
to da violência urbana, O alferes, Belo Horizonte, *Editora*
vol. 12, *pág.* 77-91, 1987.

XAVIER, Francisco Cândido, ditado pelo espírito Emma -
nuel, Vida e Sexo, Rio de Janeiro, 11ª ed., editora *Rio de Janeiro*
Federação Espírita Brasileira, pág. 102, 1990.

T